

e crítica na vida social e política não está sendo cumprida, pois a chamada democratização da educação ocorreu a partir da década de 70 acabou por expandir uma caricatura da escola. A escola recebeu novos usuários com as velhas estruturas, ou seja, não se adequou à expansão; criou formas de atendimento que não deram conta de atender com qualidade os novos usuários.

Uma vez não cumprindo a sua função a escola acaba sendo apropriada pelos alunos que fazem com que ela cumpra o papel de espaço relativamente barato de sociabilidade. Os educandos criam uma rede de ligações, amizades, aprendizado, solidariedade, mas sempre entre eles, é como se eles pudessem ter uma relação nula com os funcionários, professores, conteúdos programáticos, com as regras escolares, enfim com tudo que diz respeito a instituição escolar.

Por fim o texto termina apontando a necessidade de escola encontrar novas funções, canalizando a energia do jovem, seu poder de subverter a ordem escolar, de criar novas experiências independentes das instituições.

Maria Socorro G. Torquato
Mestranda - Departamento de Sociologia, Universidade de São Paulo

NAKANO, Marilena. *Jovens: vida associativa e subjetividade - um estudo dos jovens do Jardim Oratório*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1995.

Com este trabalho, a autora procura pensar o processo de socialização de jovens, em um ambiente que pode ser considerado difícil dadas as precárias condições

de infra-estrutura e situações permanentes de violência. Trata-se do Jovem Oratório, a maior favela de Mauá, região da Grande São Paulo.

A primeira vista, o local é caracterizado por dois mundo bem delineados: os atores da urbanização da favela, composto por três associações de moradores — a Sociedade Amigos de Bairro (SAB), a União Popular e a Comissão da Terra, todas com protagonistas diferentes e perspectivas distintas e o mundo da violência. Um primeiro dado instigante está exatamente no fato dos jovens não se engajarem com afinco no primeiro e na existência de razões que levam alguns poucos a buscarem o segundo.

O cotidiano do Jardim Oratório, no entanto, não está marcado unicamente pelo mundo da violência e pela ação do movimento de urbanização da favela. Diferente formas associativas bem particulares coexistem naquele local, integrando vários jovens. Tais formas associativas vão além dos limites da família e da casa, verificando-se entre os próprios jovens e entre instituições interferências recíprocas, visto que a “socialização não é um processo unilateral... É um processo recíproco, visto que afeta não afeta o indivíduo socializado, mas também os socializantes.” (Berger, Peter e Brigitte. In: Foracchi, Marialice e Martins, José de S., 1977).

Partindo da idéia de que a juventude é sensível à crise social — exatamente por não estar inserida no mundo adulto — crescer nas condições de vida proporcionadas pelo Jardim Oratório sem dúvida não é algo simples. Para entender como se dão tais processos, foi necessário enveredar pelas diferentes formas associativas que esses jovens se mostraram capazes de produzir: ao se unirem em grupos, eles compartilham valores, questionando

assim os fundamentos sociais da compreensão adulta de mundo; processo esse que se dá exatamente no contato com esse mundo adultos, ou seja, é com os adultos que os jovens aprendem a ser adultos (Foracchi, 1972). O problema da pesquisa foi, então, pensar quais as possibilidades dos jovens desenvolverem ações e se constituírem coletivamente como sujeitos, já que pareceu-nos ser uma hipótese inicial da autora a possibilidade de “ruptura e recuperação do sentido social através de uma práxis inovadora” (p.11) por parte desses jovens. Nesse sentido, foram levantados processos combinados de socialização e dessocialização, envolvendo jovens e algumas instituições.

A autora estudou a primeira geração de jovens do Jardim Oratório, nascida no local entre fins da década de 70, início da de 80, ou vinda para lá ainda criança. Para entendê-la, a autora considera importante começar por entender sua infância.

“A experiências posteriores [desses jovens] são sobrepostas às impressões básicas, formando outros estratos, e tendem a receber seu significado do primeiro, quer apareçam como confirmação, quer como sua negação e antítese.” (Abramo, 1994)

Para estudar os vários grupos de jovens a autora fez um recorte contendo grupos localizados em espaços circunscritos, mediados e tutelados por instituições como a Igreja Católica ou a família; grupos montados a partir de objetivos específicos como aprender tricô ou tocar violão e grupos voltados para “fora”, para a exibição e representação do local em que vivem, como os rapazes do futebol ou da escola de samba.

A autora chama a atenção sobre a disposição que têm esses grupos para o lazer, para muito além de leituras que “deixam de abordar o que isto significa para aqueles que realizam a atividade, na medida que o recorte da análise é eminentemente classista. (...) [Tais espaços dizem] respeito também a “um campo onde o jovem pode expressar suas aspirações e desejos e projetar um outro modo de vida” (Abramo, 1994).

O mesmo cuidado deve ser tomado com relação às questões culturais, se tomadas simplesmente como “um reflexo do modo de produção”, pois esse raciocínio tende a remeter para a reflexão apenas em torno de questões externas ao Jardim Oratório, dificultando a compreensão de mundos que lá se constróem.

Finalmente, um último cuidado especial com relação à religião e à leitura corrente de ver a ação da Igreja Católica como apenas “tentativa de manipulação da população pobre” (p. 84), desconsiderando as múltiplas possibilidades que tais atividades podem propiciar.

Os jovens se agrupam para realizar o que desejam. Amizade e solidariedade são elementos centrais realizando diferentes formas associativas pelo ser e não pelo ter. A dimensão do “ter”, no entanto, possui importância nesse local: o consumo acaba sendo um agente negador da condição de favelado, na medida em que, na fala deles, vestirse bem, com roupas da moda, faz com que eles se pareçam como qualquer pessoa não-favelada. Assim o jovem acaba oscilando entre um individualismo expressivo — da ordem do ser — e um individualismo de mercado — marcado pela auto-definição e pela negação: a de não-favelado (mais ou menos como as ovelhas da fábula contada por

Nietzsche, que viam o lobo como mal, e que logo, elas, como “não-lobo”, eram boas).

Outra colaboração importante do trabalho de Nakano diz respeito à própria socialização desses jovens e à mediação do mundo adulto. Se por um lado, a autora reconheceu que é o contato com adultos que se aprende a ser adulto, por outro identifica que jovens e adultos ficam enclausurados nas malhas de suas relações. Isso explica o não interesse dos jovens pelo movimento de urbanização. Tal fato, somado a naturalização de ser favelado, acaba por limitar a noção de direitos — que o “movimento produziu e não foi capaz de ampliar”.

“Essas questões apontam para a necessidade de uma reflexão sobre a vida democrática pois indicam que ‘para que (ela) se desenvolva, não é preciso unicamente que seja aberta, é preciso também que ela se faça representativa, que os atores percebam suas experiências individuais através dos jogos coletivos” (Dubet, 1992).

A não incorporação da subjetividade é explicativa desse processo. O ouvir o outro, buscar entender suas necessidades, parecer ser o grande diferencial para o enriquecimento de ações sociais mais profundas, mobilizando maior e mais comprometido grupo de pessoas. O distanciamento em relação à escola, vista como estigmatizadora e descomprometida com os alunos atesta essa máxima.

Ao realizar um trabalho a respeito dos processos de socialização *com* o jovem e não *do* jovem — como *porta-voz* das demandas que supostamente fariam parte do mundo dessas pessoas (Bourdieu, 1986) — a autora abriu o canal para esse “ouvir”. Toda a riqueza de sua pesquisa partiu dessa condição.

Referências bibliográficas

- ABRAMO, Helena W. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. De quoi parle-t-on quand on parle du ‘probleme de la jeunesse’?. In: *Les jeunes e les autres: contributions desenvolvimento sciences d l’homme à la question desenvolvimento jeunes*. Naucresson: CRIV, 1986.
- DUBET, François, LAPEYRONNIE, D. *Les quartiers déxil*. Paris: Seil, 1992.
- FORACCHI, Marialice M. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Pioneira, 1972.
- _____, MARTINS, José de S. *Sociologia e Sociedade*. Rio de Janeiro: LTC, 1977.
- MAGNANI, José G. C. Lazer dos trabalhadores. In: *Revista São Paulo em perspectiva*. São Paulo: Fundação SEDA: 2(3), jul/set, 1988.
- ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Pedro Augusto Hercks Menin
Doutorando - Faculdade de Educação,
Universidade de São Paulo

TEDRUS, Maria Aparecida.
Jovens: trabalho nas ruas e experiências de sociabilidade. São Paulo, 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Jovens: trabalho nas ruas e experiências de sociabilidade é o título de dissertação de mestrado, apresentada à faculdade de Educação da USP em fins de 1996 por Maria Aparecida Leladini